

JORGE MORRIS BARBOSA
 Universidade de Coimbra

Sistemas verbais portugueses e dinâmica linguística

1. Em anteriores artigos¹, analisámos os sintagmas verbais portugueses da maneira que se resume no seguinte quadro:

<i>canta</i>				
<i>cantava</i>	passado			
<i>cantou</i>		anterior		
<i>cantara</i>	passado	anterior		
<i>cantará</i>		posterior		
<i>cantaria</i>	passado	posterior		
<i>tem cantado</i>			perfeito	
<i>linha cantado</i>	passado		perfeito	
<i>terá cantado</i>		posterior	perfeito	
<i>teria cantado</i>	passado	posterior	perfeito	
<i>cante</i>				conjuntivo
<i>cantasse</i>	passado			conjuntivo
<i>cantar²</i>		posterior		conjuntivo
<i>tenha cantado</i>			perfeito	conjuntivo
<i>tivesse cantado</i>	passado		perfeito	conjuntivo
<i>tiver cantado</i>		posterior	perfeito	conjuntivo

Desse quadro pode concluir-se que identificámos quatro classes sintácticas, representadas nas colunas que se seguem à das formas conjugadas: as classes que, à falta de melhores designações, chamámos de "tempo" (com o monema "passado"), "perspectiva" (monemas "anterior" e "posterior"), "aspecto" (monema "perfeito") e "modo" (monema "conjuntivo"). Assim, o sintagma *teria cantado* entender-se-á como "cantar" + "passado" + "posterior" + "perfeito" + "3ª pessoa" (ou "1ª pessoa")³, cante como "cantar" + "conjuntivo" + "3ª pessoa" (ou "1ª pessoa"). Isto quer dizer que não julgámos necessário considerar a existência de monemas nem de "presente" nem de "indicativo", na medida em que, por exemplo, *canta* se distingue de *cantava* pela ausência do monema "passado" e de *cante* pela ausência de "conjuntivo". Identicamente, *cantava* e *cantou* distinguem-se pelo monema "passado" do primeiro, face ao "anterior" do segundo, solução preferível à que consistiria em admitir neste um monema de "tempo", "pretérito", uma vez que dá conta de uma economia de unidades.

Deixaram-se e deixam-se para outra ocasião as formas *canta* (tu), *cantar*, *cantando* e *cantado*, que merecem ser analisadas à parte, dado o tipo especial de problemas que levantam⁴.

2. Entendido o sistema verbal como o conjunto das classes gramaticais determinantes da classe verbal⁵, e abstraindo por

hoje das últimas formas citadas, dir-se-á que o sistema acima apresentado é o sistema verbal máximo conhecido do português contemporâneo⁶.

De facto, tal sistema sofre reduções em certos tipos de orações. Assim, e a título ilustrativo, nas chamadas integrantes ou substantivas de *se*, não se atesta "conjuntivo" (*pergunto se canta/cantava/cantará*, etc., mas não **pergunto se cante/cantasse/cantar*, etc.); nas integrantes de *que*, não se atesta "conjuntivo" + "posterior" (*diz que cantará/terá cantado*, mas **diz que cantar/tiver cantado*); nas condicionais de *se*, "posterior" só se atesta em combinações com "conjuntivo" (*se cantar/tivesse cantado/tiver cantado*, mas **se cantará/cantaria/terá cantado/teria cantado*) e "conjuntivo" implica a presença de um monema de outra classe (*se cantava/cantou*, etc., mas **se cante*); também a combinação de "conjuntivo" + "posterior" se restringe a certos tipos oracionais⁷.

3. Noutra ordem de ideias, só um estudo exaustivo devidamente orientado das práticas da língua permitirá identificar, no conjunto dos falantes do português, sistemas que, representando a redução daquele, são os únicos praticados por grupos deles, por um lado, e sistemas que, embora conhecendo o conjunto das unidades monemáticas mencionadas e suas combinações nos sintagmas ilustrativos, ocasional ou regularmente prescindem de algumas delas, por

outro lado. Sem se procurar descrevê-los, por óbvia falta dos dados necessários, é para usos destes que se pretende chamar aqui a atenção.

4. Quanto aos do primeiro tipo, e sem nos determos nos sistemas que, não usando *cantara*, não distinguem "passado" + "anterior" e "passado" + "perfeito", notar-se-á - e este facto foi, na medida do possível, suficientemente observado - a existência de grupos de locutores que, no seu impropriamente chamado uso activo da língua, apenas utilizam sintagmas dos tipos *canta*, *cantava*, *cantou*, *tem cantado*, *tinha cantado*, *cante*, *cantasse*, *cantar*, *tenha cantado* e *tivesse cantado*, isto é, dez dos dezanove possíveis. Num sistema como este, que desconhece *cantará*, o monema "conjuntivo" de *cantar* perde importância e o monema "posterior" apenas tem uso neste sintagma, já que não existem os demais do sistema máximo onde ele se atesta. Quanto ao monema "anterior", atesta-se apenas em *cantou*, a menos que, desprezando razões formais, se preferisse interpretar *tinha cantado* como "anterior" + "passado". Também o número de utilizações de "perfeito" fica reduzido a dois sintagmas, no lugar de quatro. O que interessará saber é em que medida os sintagmas não utilizados "activamente" por esses grupos, ou parte deles, são "passivamente" entendidos pelos mesmos e, no caso de o serem, se é legítimo afirmar que não fazem parte do seu sistema linguístico. Adivinha-se a que variedade de sistemas

verbais, "activos" e "passivos", pode conduzir, em rigor, uma análise pormenorizada dos diferentes usos, o que não será de natureza a surpreender-nos se pensarmos na diversidade de sistemas lexicais identificáveis no tesouro português, mesmo só contemporâneo.

5. Quanto ao segundo tipo, assinala-se desde logo a dispensa, particularmente de regra em registos coloquiais, do monema "posterior" em casos como *canta por cantar*, isto é, o que habitualmente se chama o uso do presente com sentido futuro, sentido este que pode ser implicado pelo contexto (*canta amanhã/ no ano que vem*) ou pela situação. É essa mesma dispensa que se atesta em codeterminação verbal por "conjuntivo": como *queira, digas o que digas, todo o carro que seja francês é cómodo, face a como quiser, digas o que disseres, todo o carro que for francês é cómodo*. Também o monema "perfeito" pode cair, por exemplo em *quando acabarem, avisem, face a quando tiverem acabado, avisem, ou em depois de acabarem, avisem, face a depois de terem acabado, avisem*.

Com excepção do último, os exemplos que se acaba de dar ilustram provavelmente usos inovadores, onde se observa a não utilização de um monema que só uma aturada pesquisa poderá provar ter sido de regra em fases anteriores da língua. Nas mesmas condições deverá incluir-se a dispensa do monema de "conjuntivo" em casos como *Se ele tinha marcado aquele*

golo!, *Se tinhas chegado mais cedo, encontrava-lo aqui*, em face de *Se ele tivesse marcado aquele golo!* *Se tivesses chegado mais cedo, tê-lo-ias encontrado aqui*. Sendo *terias encontrado* "encontrar" + "passado" + "posterior" + "perfeito" + "2ª pessoa", *encontravas* (em *encontrava-lo*), "passado", atesta não só a não utilização de "perfeito", mas também a do "posterior" de *encontrarias*⁸, forma provavelmente intermédia no processo: de facto, os dois sentidos de *cantava*, "no passado" e "depois daquele momento" - *ele disse que cantava* ("naquele momento", "era cantor"; "cantaria") - atestam a dispensa do monema "posterior" do sintagma *cantaria* ("posterior" + "passado"), assim reduzido a *cantava* ("passado"), dispensa essa consagrada, pelo menos, nos registos coloquiais contemporâneos. Dos mesmos casos *Se ele tinha marcado aquele golo!*, *Se tinhas chegado mais cedo decorrem*, com perda do monema "passado", *Se ele tem marcado aquele golo!*⁹, *Se tens chegado mais cedo*.

6. Com o que fica dito ilustra-se um processo de dinâmica linguística que se traduz em economia sintagmática da utilização de monemas. Casos há em que de tal processo resultam oposições que convém assinalar.

Assim, parece que a tradição impunha uma *consecutio temporum* em construções como *ordeno que ele vá amanhã e ordenei que ele fosse amanhã*, onde o uso de *vá* e *fosse* era

determinado por *ordeno* e *ordenei*, respectivamente¹⁰. Nestas condições, seria menor a relevância do monema "passado" de *fosse*, já que a correspondente forma seria implicada pelo contexto. No entanto, da dispensa deste monema resultou uma oposição efectiva entre *vá* e *fosse*, o que se vê melhor eliminando *amanhã*: em *ordenei que vá* tem-se "ir" depois do momento da enunciação, limite a quo que não coincide com o de *ordenei que fosse*, onde ele se situa em "ordenar". Interessaria averiguar a eventual relação entre esse par e os constituídos por *disse que iria* e *disse que irá*, *disse que era* e *disse que é*.

7. De acordo com Epifânio Dias¹¹, *contanto que*, *a não ser que*, *suposto que*, *dado que*, *dado caso que*, *caso que*, *caso* implicariam o uso de conjuntivo. A ser exacta a sua observação, notar-se-á que, sendo hoje possível prescindir deste monema depois de *suposto que* e *dado que*, se introduziu em português uma distinção de sentido entre *suposto que vem*, *dado que vinha*, onde se afirma a vinda, e *suposto que venha*, *dado que viesse*, onde se não faz tal afirmação: se alguma diferença de sentido se registar em *suposto que*, *dado que* seguidos ou não de "conjuntivo", ela deverá atribuir-se justamente a este monema ou à sua ausência, interpretação preferível à que faria depender o uso do monema modal do sentido daqueles monemas¹².

8. Em lugar de trazer soluções, pretendeu-se aqui levantar problemas que se colocam ao estudo da sintaxe portuguesa, particularmente no que se refere à escolha das modalidades verbais e respectivas combinações sintagmáticas, na perspectiva da dinâmica linguística. Chamou-se entretanto a atenção para esse outro problema que consiste na identificação de sistemas coexistentes e que é, ele também, uma manifestação de dinâmica. As observações que ficam e se espera abram rumos à investigação no domínio da sintaxe portuguesa mostrarão ainda que economia linguística não equivale necessariamente a redução do inventário dos monemas existentes, mas também à rendibilização funcional destes.

NOTAS

(1) Jorge Morais Barbosa, "Modalidades verbais portuguesas", entregue para publicação in *Biblos*, vol. 71; Id., "Sobre o problema do conjuntivo", entregue para publicação in *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. 20.

(2) *Cantar* é aqui a forma dita de futuro do conjuntivo, de significante idêntico à chamada de infinitivo, no entanto distinta dela à luz de *souber - saber, quiser - querer*, etc.

(3) Também aqui há sincretismo no significante, zero, dos monemas de "3ª pessoa" e "1ª pessoa", evidentemente distintos, como se vê não só pelas respectivas expansões (*ele, o homem, ela, e eu*), mas também pelas proporções *teria cantado: canto, teria cantado: cantei*, etc.

(4) Entre esses problemas conta-se o de o participio ter compatibilidades nominais e verbais, como já reconhecia Isidoro de Sevilha ("Participium dictum, quod nominis et uerbi capiat partes, quasi participium", *Etimologias* I, 11), o que também sucede com o infinitivo.

(5) Entre estes determinantes, convém distinguir os que não são, por sua vez, determináveis e se chamam modalidades ("tempo", "perspectiva", "aspecto" e "modo") e os que o são (monemas pessoais). Só os primeiros interessam aqui.

(6) Considera-se aqui apenas o português europeu.

(7) Cf. Epifânio Dias, *Grammatica Portugueza Elementar*, 5ª ed., Lisboa, Livraria Escolar de A. Ferreira Machado e Cia, 1882, § 209, a) obs.

(8) Em *se tivesses chegado mais cedo, tinha-lo encontrado* o predicado "encontrar" é determinado por "passado" e "perfeito".

(9) Exemplo aduzido num trabalho de seminário do curso de mestrado em Linguística Portuguesa da Universidade de Coimbra por Paulo Alexandre Nunes da Silva.

(10) Cf. Epifânio Dias, *ob. cit.*, § 220, b); semelhantemente, *enviei-lhe uma pessoa que o avisasse* (*ib.*, § 218, b).

(11) *Ob. cit.*, §217, 5).

(12) Cf., para caso idêntico, Emilio Alarcos, *Estudios de gramática funcional del español*, Madrid, Gredos, 1972, p. 100.

in fine; e Flora Klein, "Restricciones pragmáticas sobre la distribución del subjuntivo en español", in Ignacio Bosque (ed.), *Indicativo y subjuntivo*, Madrid, Taurus, pp. 303-314, aquí p. 309, 11 *in fine*.